Último Alento

Renato Gonçalves da Silva

Se ainda houver em ti
um pequeno lugar onde meu nome permaneça,
não feches a porta agora.
Não ainda.

Deixa-me ficar
mais um instante
na soleira do teu coração —
como quem sabe que talvez seja tarde,
mas ainda acredita
que certos amores não terminam
quando os corpos se afastam.

Há histórias que seguem respirando
por dentro de nós,
escondidas entre lembranças,
silêncios
e saudades que ninguém vê.

Este é o meu último alento.

Não quero chamá-lo de despedida:
despedidas exigem a coragem
de aceitar o fim,
e eu ainda procuro em mim
uma razão que explique
como pode acabar
aquilo que tantas vezes
nos pareceu eterno.

Lembro dos teus olhos
antes dos beijos —

aquele instante breve
em que o mundo inteiro se suspendia
entre a tua boca e a minha.

Lembro das mãos que se buscavam
sem precisar de convite,
dos abraços demorados,
da pele arrepiada,
do teu perfume que ficava em mim
muito depois de partires.

Lembro das noites
em que o tempo perdia o sentido
e existíamos apenas nós dois,
como se o universo se recolhesse
para nos deixar amar.

Havia paz em ti.
Uma paz quase sagrada
no pouco que dividíamos:
um café,
uma conversa sem hora,
um beijo roubado
no meio de uma frase.

Mas havia também o incêndio —
o desejo sem nome,
a entrega inteira,
a febre de dois corpos
que se conheciam
desde antes de nós mesmos.

E eu ainda carrego tudo:
teus lábios,
teu riso,
teus cabelos entre meus dedos,
teu rosto adormecido em meu peito,

teus medos, tuas manias, teus silêncios.

Carrego até as nossas imperfeições,
porque hoje compreendo
que também elas
faziam verdadeiro o nosso amor.

Talvez estejas partindo.
Talvez teu coração
já caminhe por uma estrada
onde eu não caibo mais.

E é isso que me atravessa:
porque perder um grande amor
não é perder apenas alguém —
é perder o futuro
que sonhamos ao seu lado.

São as viagens que não faremos,
os aniversários que não teremos,
as manhãs que não nascerão para nós,
as promessas que envelhecerão sozinhas.

É descobrir, de repente,
que parte da nossa história
seguirá sem o nome
que julgávamos indispensável.

E eu não estou preparado.

Por isso te entrego estas palavras.
Não para te prender.
Não para transformar amor em obrigação,
nem sentimento em corrente.

Escrevo-te
porque há amores que merecem

uma última tentativa
antes do silêncio definitivo.

Se ainda houver em ti
a lembrança daquele homem
que abraçaste com força,
que beijaste como se o mundo terminasse,
a quem entregaste teus segredos,
teus sonhos e teus medos,

olha para ele mais uma vez.

Sou eu.
Ainda estou aqui.

Talvez mais ferido,
talvez mais cansado,
talvez tarde demais —
mas ainda sou aquele
que sorri sozinho
ao lembrar das nossas loucuras,
que fecha os olhos
e ainda sente tua mão na sua.

Não quero apagar os nossos erros:
eles existiram.
Não quero fingir
que nunca nos ferimos:
nós ferimos.

Mas recuso-me a crer
que as nossas dores
sejam maiores
do que tudo o que fomos capazes de viver.

Nós amamos.
E amamos intensamente.
Isso não pode ser pouco.

Se precisares partir,
não te farei prisioneira
do que um dia foi amor.

Talvez eu aprenda
a atravessar os lugares onde estivemos
sem procurar teu rosto.
Talvez consiga
ouvir as nossas músicas
sem que o peito aperte.
Talvez um dia
teu nome deixe de doer.

Mas hoje não.

Hoje ainda há
um lugar vazio ao meu lado
com a forma exata de ti.
Hoje ainda procuro tua voz
dentro do silêncio.

Fica.
Não para fingirmos
que nada aconteceu —
fica para tentarmos diferente.
Fica para reaprendermos
a linguagem um do outro.
Fica porque ainda há beijos
guardados em nós,
e porque alguns amores
atravessam tempestades
só para entender
o valor do abrigo.

Eu não sei
se estas palavras bastarão,

nem se alcançarão
aquele lugar do teu peito
onde o nosso amor talvez ainda respire.

Mas eu precisava tentar.
Precisava pôr diante de ti
o que me resta de mais verdadeiro:
meu coração sem defesa,
minha saudade sem vergonha,
meu amor sem orgulho.

Se, depois disto, partires,
aceitarei o teu caminho —
ainda que aceitá-lo
não faça doer menos.

Guardarei os nossos momentos
no lugar mais belo da memória:
cada beijo,
cada abraço,
cada madrugada,
cada segredo,
cada sorriso.

E se um dia me perguntarem
se conheci o amor verdadeiro,
não precisarei responder:
meu silêncio dirá o teu nome.

Mas antes que vás,
olha para nós
uma última vez.

Lembra do abraço
em que nenhum dos dois
queria soltar primeiro.
Lembra das noites

em que prometemos não desistir.
Lembra de mim
sussurrando teu nome
como se fosse uma oração.

Depois, decide.

Se nada restar,
partirei levando comigo
a gratidão de ter vivido contigo
um amor capaz de me transformar.

Mas se ainda houver uma centelha,
por menor que seja,
não a deixes morrer
sem que as nossas mãos
tentem protegê-la.

Talvez isto
não precise ser o fim.
Talvez o meu último alento
não seja despedida,
mas esperança —
o último sopro de um homem
que ainda acredita
que o amor pode voltar
antes que a porta se feche.

Por isso,
se ainda houver uma possibilidade,
uma única,
estende tua mão.

Eu ainda estou aqui.

E enquanto houver em mim
um último sopro,
um último sonho,

um último pedaço de esperança,
eu ainda direi teu nome.

Porque, se este amor
precisar morrer,
que não morra por falta de tentativa.

E se me restar
apenas um último alento,
que ele seja teu.

Renato Gonçalves da Silva
Avaré/SP · 12 de agosto de 2026

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Todos os direitos reservados.
Obra literária original protegida nos termos da Lei nº 9.610/1998 (Lei de Direitos Autorais).
É vedada a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem autorização expressa e por escrito do autor.